

*Vita Cartesii est simplicissima...*

A tolice não é o meu forte. Vi muitos indivíduos; visitei algumas nações; tomei parte em cometimentos vários sem gostar deles; quase todos os dias comi; e de mulheres tenho que contar. Revejo agora umas centenas de caras, dois ou três grandes espectáculos, e talvez a substância de vinte livros. Não retive o melhor nem o pior destas coisas: ficou o que pôde ficar.

Esta aritmética poupa-me o espanto de envelhecer. Poderia fazer igualmente a enumeração dos vitoriosos momentos do meu espírito, e imaginá-los juntos e colados, a formarem uma vida *feliz*... Estou no entanto em crer que sempre me julguei bem. Raramente me perdi de vista; detestei-me, adorei-me; — depois envelhecemos juntos.

Muitas vezes supus que tudo estivesse acabado para mim, estivesse com todas as minhas forças a terminar-me, ansioso por esgotar, esclarecer uma qualquer situação dolorosa. Fez-me isto saber que apreciamos excessivamente o nosso pensamento segundo a *expressão* do pensamento dos outros! Desde aí, os biliões de palavras que andaram a zumbir-me

aos ouvidos muito raramente me abalaram por aquilo que se queria fazê-las dizer; e todas as que eu próprio a outros disse, senti-as sempre a diferenciar-se do meu pensamento; — porque se tornavam *invariáveis*.

Decidisse eu como decide a maior parte dos homens, não só me julgaria seu superior mas tê-lo-ia parecido. Preferi-me. Eles chamam um ser superior àquele que se enganou. Para ele nos causar espanto haverá que vê-lo — e para ser visto tem de mostrar-se. E ele mostra-me que está possuído pela simplória mania do seu nome. Por causa disto, cada grande homem está maculado por um erro. Todo o espírito que achamos forte começa pelo erro que o dá a conhecer. Em vez da gorjeta pública ele dá o necessário tempo para se fazer perceptível, a energia dissipada a transmitir-se e a preparar a satisfação alheia. Chega ao ponto de comparar os informes jogos da glória com a alegria de se sentir único — grande e particular volúpia.

Imaginei então que as mais fortes cabeças, os inventores mais argutos, os mais exactos conhecedores do pensamento, deviam ser desconhecidos, avarentos, homens que morrem sem confessar. A sua existência era-me revelada por essa, dos indivíduos brilhantes, um pouco menos *sólidos*.

A indução era tão fácil, que eu via a cada instante como ela se formava. Bastava imaginarmos os grandes homens vulgares, puros do seu primeiro erro, ou basearmo-nos sobre este mesmo erro para conceber um grau de consciência mais elevado, uma sensação da liberdade de espírito menos grosseira. Uma operação tão simples abria-me curiosas distâncias, como se eu tivesse descido até ao mar. Parecia-me ver obras-primas interiores, perdidas no brilhantismo das descobertas publicadas mas ao lado das mal conhecidas invenções quotidianamente feitas pelo comércio, pelo medo, pelo tédio, pela miséria. Divertia-me a apagar a história conhecida sob os anais do anonimato.

Invisíveis nas suas vidas límpidas, eram solitários os que sabiam antes das outras pessoas. Parecia-me que duplicavam, triplicavam, multiplicavam na escuridão cada pessoa célebre — eles, como o desdém de revelar as suas boas sortes e os seus particulares resultados. Ao que sinto, teriam recusado considerar-se outra coisa que não fosse coisas...

Estas ideias vinham-me à cabeça em Outubro de 93, nos momentos de ócio em que o pensamento se entretém apenas a existir.

Eu começava a não pensar muito nisto, quando conheci o Sr. Teste. (Penso agora no rasto que um homem deixa no pequeno espaço onde diariamente se move.) Antes de me relacionar com o Sr. Teste, atraíam-me as suas maneiras singulares. Estudei-lhe os olhos, a roupa, as mais surdas palavras ao criado do café onde eu o via. Perguntava a mim próprio se ele se sentia observado. Desviava com rapidez o meu olhar do seu, para surpreendê-lo a seguir-me. Agarrava nos jornais que ele acabava de ler, repetia mentalmente os gestos sóbrios que lhe escapavam; via que ninguém lhe prestava atenção.

Mais nada deste género me restava aprender quando nos conhecemos. Eu só o tinha visto à noite. Uma vez, numa espécie de bordel; com frequência no teatro. Tinham-me dito que vivia de medíocres operações semanais na Bolsa. Comia as suas refeições num pequeno restaurante da rua Vivienne. E comia lá como quem toma um purgante, com o mesmo entusiasmo de quem o faz. Às vezes condescendia numa refeição lenta e fina noutro lado.

O Sr. Teste talvez andasse pelos quarenta anos. Tinha a palavra extraordinariamente rápida e voz surda. Nele tudo se apagava, os olhos, as mãos. Tinha no entanto ombros militares e o passo com uma regularidade que espantava. Ao falar nunca erguia um braço nem um dedo: *matara a marioneta*.

Não sorria, não dava os bons-dias nem as boas-noites; ao que parece, não ouvia o «Como vai?».

A sua memória deu-me muito que pensar. Os indícios que me permitiam julgá-la fizeram-me imaginar uma ginástica intelectual sem mais exemplo. Não se tratava nele de uma faculdade excessiva — era uma faculdade educada ou transformada. Vejam-se palavras suas: «Desde há vinte anos não tenho livros. E também queimei os meus papéis. Risco diretamente a carne-viva... Retenho o que quero. Mas o difícil não é isso. *É reter o que amanhã vou querer!*... Procurei um crivo maquinal...»

De tanto pensar nisto, acabei por achar que o Sr. Teste descobrira leis do espírito que ignoramos. Por certo consagrara anos a investigá-las: e mais certo ainda outros anos, e muitos outros anos tinham sido gastos a amadurecer as suas invenções para fazer delas seus instintos. Encontrar nada é. O difícil é acrescentar a nós próprios aquilo que se encontra.

A delicada arte da duração, o tempo, como se distribui e o seu regime — como é gasto em coisas bem escolhidas, especialmente para as alimentar — era uma das grandes procuras do Sr. Teste. Estava atento à repetição de certas ideias; inundava-as com números. Isto servia-lhe para tornar finalmente maquinal a aplicação dos seus estudos conscientes. Procurava mesmo resumir esse trabalho. Era vulgar dizer: «*Maturare!*...»

Por certo, a sua singular memória devia reter pouco mais do que essa parte das nossas impressões que a imaginação não consegue sozinha construir. Se imaginarmos uma viagem de balão, podemos com sagacidade, com força, *produzir* muitas prováveis sensações de um aeronauta; mas na ascensão real haverá sempre qualquer coisa de individual e com uma diferença, em relação ao nosso devaneio, que exprime o valor dos métodos de um Edmond Teste.

Bem cedo este homem soube a importância do que poderia chamar-se *plasticidade* humana. Investigara-lhe os limites e o mecanismo. Como ele devia ter pensado na sua própria maleabilidade!

Eu vislumbrava sentimentos que me faziam estremecer, uma obstinação terrível em experiências inebriantes. Ele era o ser absorvido na sua variação, o que se transforma no seu próprio sistema, o que se entrega por inteiro à assustadora disciplina do espírito livre e mata as suas alegrias com as suas alegrias, a mais fraca com a mais forte — a mais suave, a temporal, a do instante e da hora começada, com a fundamental — com a esperança da fundamental.

E eu sentia que ele era o senhor do seu pensamento: escrevo aqui este absurdo. A expressão de um pensamento é sempre absurda.

O Sr. Teste não tinha opiniões. Julgo que se apaixonava como queria, e para atingir um determinado fim. O que tinha feito da sua personalidade? Como é que ele próprio se via?... Nunca se ria, nunca havia no seu rosto um ar de infortúnio. Tinha ódio à melancolia.

Falava e sentíamos-nos na sua ideia, confundidos, com as coisas: sentíamos-nos afastados para trás, misturados com as casas, as amplidões do espaço, o colorido buliçoso da rua, as esquinas... E as palavras mais destramente enternecedoras — essas, exactamente, que põem o seu autor mais perto de nós do que outro homem qualquer, essas fazem crer que a eterna parede entre os espíritos cai — podiam acudir-lhe... Sabia admiravelmente que *qualquer outro* se impressionaria com elas. Falava, e mesmo sem podermos precisar os motivos nem a amplitude da proscricção, verificava-se que um grande número de palavras eram banidas do seu discurso. As que usava eram às vezes tão curiosamente apoiadas pela sua voz, ou iluminadas pela sua frase, que ficavam com o peso